

**“DE REPENTE, PROFESSOR DIGITAL”: PERCEPÇÕES
DE PROFESSORES ALFABETIZADORES
SOBRE O ENSINO REMOTO**

Kessylen Carvalho Cardoso Lopes de Souza (UENF)

kcc.lopes@gmail.com

Luciana da Silva Almeida (UENF)

almeida.92luciana@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinaff@gmail.com

RESUMO

Os rumos educacionais impulsionados pela pandemia da COVID-19 acarretaram diversos desafios para a prática docente; desta maneira, professores, inesperadamente se depararam com o ensino remoto, tendo que ressignificar a forma de fazer a educação. Por isso, o artigo traz reflexões acerca do ensino, assim como demonstra a necessidade de inferir ações inovadoras. Para tanto, dominar as tecnologias digitais é assumir posturas que estimulem a criatividade, o pensamento crítico, é repensar o que se pretende para as turmas de alfabetização. Os autores que subsidiaram teoricamente a pesquisa foram Moran (2007), Ribeiro (2020), Oliveira e Alencar (2008), entre outros e a entrevista foi o método usado para a coleta de dados, para relatar as percepções de educadores durante as aulas remotas. Sendo assim, conclui-se que este cenário tem potencial para despertar uma alfabetização que ensine muito mais do que letras.

Palavras-chave:

Alfabetização. Letramento. Ensino Remoto.

ABSTRACT

The educational course driven by the COVID-19 pandemic has led to several challenges for teaching practice; in this way, teachers, unexpectedly faced remote teaching, having to reframe the way of doing education. Therefore, the article brings reflections on teaching, as well as demonstrating the need to infer innovative actions. To do so, mastering digital technologies and taking positions that encourage creativity, critical thinking, is to rethink what is intended for literacy classes. The authors who theoretically supported the research were Moran (2007), Ribeiro (2020), Oliveira and Alencar (2008), among others and the interview was the method used for data collection, to report the perceptions of educators during remote classes. Therefore, it is concluded that this scenario has the potential to awaken teaching of the first letters that teaches much more than letters.

Keywords:

Literacy. Remote Teaching. Teaching of the first letters.

1. Introdução

Este ano tem sido marcado por fatos que têm abalado toda estrutura da sociedade, em decorrência da pandemia ocasionada pelo novo coronavírus, que segundo a OMS, o surto da doença levou a Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, caracterizando a COVID-19 como uma pandemia (OMS, 2020).

Desta forma, o isolamento social tornou ferramenta essencial para o combate à doença, como outros cuidados de higiene, em consonância com as medidas preventivas, as aulas no território brasileiro foram suspensas e por meio dessas mudanças surgiram muitos desafios no cenário educacional, assim, a prática pedagógica vem se reinventando para fazer com o que o processo de aprendizagem continue.

A pesquisa foi estruturada em duas etapas, a primeira consistiu em realizar um levantamento bibliográfico sobre o processo de alfabetização, o uso das tecnologias na educação e as aulas remotas emergenciais. O segundo momento foi caracterizado pela coleta de dados, em que foi realizada uma entrevista através do *Google Forms* com professores alfabetizadores, que teve por pretensão analisar as percepções desses profissionais acerca do ensino remoto nas classes em que atuam.

O artigo buscou trazer reflexões pertinentes sobre alfabetização à distância, destacando a urgente necessidade de família-escola construir relacionamentos sólidos e satisfatórios e como a formação continuada dos educadores é essencial para uma prática de qualidade.

“De repente, professor digital” demonstra que a atuação pedagógica teve uma intensa transformação, alterando o cenário e a forma de mediar o conhecimento, por isso, a tecnologia tornou-se recurso predominante nas aulas virtuais, salientando que a cultura digital expandiu de forma a fortalecer a educação nesse tempo pandêmico.

Dentre diversas percepções acerca de como ensinar a ler e a escrever, cabe pontuar o quanto é preciso refletir sobre uma educação bancária, conceito explicitado por Paulo Freire, que é caracterizado por um ensino em que o indivíduo é visto como depósito e os professores “detendo todo saber” transfere o que sabe.

Para tanto, discutir sobre o processo de alfabetizar é antes de tudo, ressignificar a educação, principalmente, diante a atual situação das aulas, porque educar é refletir, é compreender que os desafios que surgem

são molas potentes para impulsionar a reestruturação de ensino falido para um ensino inovador.

2. A formação do professor alfabetizador e os desafios contemporâneos da educação

Para compreender a questão da formação do professor alfabetizador, necessário se faz que entendamos os processos pelos quais perpassam a formação do professor da educação básica que, a partir da LDBEN 9394/96 passou a ser realizada por meio do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Na contemporaneidade consideramos a educação como fundamental e direito de todos, e, por esse motivo, a formação docente está em constante debate.

Tais debates centram-se na discussão das habilidades e competências que esses profissionais devem desenvolver para um bom exercício do magistério. A investigação sobre a formação docente engloba desde o perfil profissional, os processos que permeiam essa formação e os saberes que devem tramitar nesse processo, entre outros (SOUZA, 2007).

De acordo com Papi (2005) a criação do curso de Pedagogia se deu num momento histórico em que se começa a pensar na educação como importante ferramenta de promoção de desenvolvimento social e nacional e, nesse sentido, temos que o conceito da Pedagogia está diretamente ligada a formação social de um profissional preparado para elaborar e executar projetos formativos com vistas a transformação social.

De acordo com Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, o Curso de Licenciatura em Pedagogia, respeitando a autonomia e diversidade cultural de cada instituição, deve ser organizado basicamente em três núcleos de estudos:

I – **um núcleo de estudos básicos** que, sem perder de vista a diversidade e a multiculturalidade da sociedade brasileira, se operacionalizará por meio do estudo acurado da literatura pertinente e de realidades educacionais, assim como por meio de reflexão e ações críticas. (BRASIL, 2006, p. 3)

Para o primeiro núcleo de estudos é prevista uma formação básica que contemple a formação de conhecimentos gerais e fundamentais ao exercício do magistério como o estudo da didática e de teorias metodológicas de aprendizagem, que englobam os conhecimentos e especificidades de ensino e aprendizagem de disciplinas como Língua Portuguesa,

Matemática, entre outras. Além disso, nesse núcleo também está concentrado o estudo de áreas afins, pertinentes ao campo pedagógico, pois contribuem para a compreensão das especificidades do desenvolvimento humano, social e histórico-cultural.

A partir da formação adquirida no primeiro núcleo, o estudante deverá estar apto para organização e elaboração de projetos educativos para espaços escolares e não escolares, considerando as necessidades educativas do público alvo, as características de aprendizagem singulares a cada etapa do desenvolvimento humano e pronto para avaliar as experiências de aprendizagem, para então, planejar novos trabalhos.

Já o segundo núcleo compreende o aprofundamento da formação da identidade profissional, bem como do papel do gestor educacional em diferentes contextos de aprendizagem e da organização e elaboração de materiais didáticos que sirvam aos processos educativos.

II – um núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos, voltado às áreas de atuação profissional priorizadas pelo projeto pedagógico da instituição, atendendo as diferentes demandas sociais. (BRASIL, 2006, p. 4)

Destaca-se também, nesse núcleo, a formação de um espaço para análise aprofundada e debate das teorias educacionais e de gestão utilizadas no decorrer da história da educação brasileira, a fim de oportunizar momentos de reflexão e autonomia para a elaboração de novos projetos que atendam significativamente as necessidades educativas sociais.

III – um núcleo de estudos integradores, que proporcionará enriquecimento curricular:

a) seminários e estudos curriculares, em projetos de iniciação científica, monitoria e extensão, diretamente orientados pelo corpo docente da instituição de educação superior; (BRASIL, 2006, p.4)

O terceiro núcleo permite ao discente atuar em diferentes campos de pesquisa, extensão e ensino universitário, além de possibilitar ao formando a troca de experiências através da participação de congressos e eventos acadêmicos que contribuam para discussões de temas pertinentes a formação docente.

Para Trindade (1998), essa formação deve permitir ao professor ter bases sólidas sobre “o fenômeno educacional e seus fundamentos históricos, políticos e sociais, que permitam a apropriação de seu processo de trabalho, com condições de exercer a análise crítica da sociedade brasileira e da realidade educacional” (p. 72)

Além disso, a autora ressalta a importância de o educador em formação ter oportunidades formativas reais que o conduza no exercício de reflexão sobre a importância de pesquisar e se capacitar para ter condições de articular teoria e prática.

Nessa perspectiva, podemos observar que apesar de a Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006 apontar para uma formação ampla, que prepare os profissionais da educação para atuação e planejamento de atividades educativas em amplos espaços de aprendizagem, não há uma proposta para que se pense na atuação do professor da educação básica em espaços virtuais, contemplando assim a Educação a Distância e as metodologias adequadas para tal modalidade de ensino.

3. *Professor digital: alfabetização em tempos de pandemia*

Viver uma pandemia é algo muito assustador em diversos âmbitos, mas, o enfoque do presente artigo é no campo educacional.

No mês de março, deste ano, as aulas no território brasileiro foram suspensas, de início acreditou-se que o retorno seria breve, porém para surpresa dos cidadãos, a medida de prevenção da doença COVID-19 (isolamento social, aulas suspensas...) estende-se até os dias de hoje.

E é partindo desse enorme redirecionamento da educação na cidade de Campos, que o texto pretende promover embasamentos teóricos para o enfrentamento de desafios e dificuldades vivenciadas por professores atuantes no 1º ano do ensino fundamental, assim como compreender o papel do educador.

Sendo assim, o Ministério da Educação lançou uma nota técnica organizada pelo *Todos pela educação* (BRASIL, 2020), uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, este documento trouxe apontamentos significativos para a continuidade e oferta de atividades pedagógicas durante o isolamento social.

Esta nota recorre aos dados e evidências existentes para iluminar desafios, limitações e caminhos para a adoção do ensino remoto, buscando apresentar uma abordagem propositiva e evitar uma leitura descontextualizada de um momento inédito no Brasil. (BRASIL, 2020)

O ensino remoto é baseado na utilização de diversos recursos que tenham por objetivo auxiliar na continuação das aulas. E descrever sobre esses recursos e estratégias, cabe pontuar de maneira significativa, o

papel do professor nesse processo, segundo Wechsler (2001; 2002, p. 169-70 *apud*, OLIVEIRA; ALENCAR 2008, p. 297).

[...] um professor criativo é aquele que está aberto a novas experiências e, assim sendo, é ousado, curioso, tem confiança em si próprio, além de ser apaixonado pelo que faz. Trabalha com idealismo e prazer, adotando uma postura de facilitador e quebrando paradigmas da educação tradicional. (OLIVEIRA E ALENCAR, 2008 p. 297)

Caracterizar o professor do século XXI como criativo é compreender que esse profissional deve buscar aperfeiçoamento por meio da formação continuada e da pesquisa. Pois o ato educativo exige preparo, reflexões e amor.

Moran (2015) também aponta:

As tecnologias digitais hoje são muitas, acessíveis, instantâneas e podem ser utilizadas para aprender em qualquer lugar, tempo e de múltiplas formas. O que faz a diferença não são os aplicativos, mas estarem nas mãos de educadores, gestores (e estudantes) com uma mente aberta e criativa, capaz de encantar, de fazer sonhar, de inspirar. Professores interessantes desenham atividades interessantes, gravam vídeos atraentes. Professores afetivos conseguem comunicar-se de forma acolhedora com seus estudantes através de qualquer aplicativo, plataforma ou rede social. (MORAN, 2015)

O que nota-se com base nas afirmações dos autores acima é o importante papel do educador no processo, porém, essa postura deve ser aberta para a inovação, ficando evidente que o professor digital é àquele que inova, que é criativo, que se utiliza dos recursos tecnológicos para promover um ensino eficaz, até mesmo presencialmente.

Para tanto, o artigo não tem alguma pretensão em tornar a alfabetização como uma etapa de inteira responsabilidade do profissional da educação, porque não é, nem pudera ser, mas não se pode negar como a prática pedagógica é essencial para a construção de uma educação significativa.

A conceituação do que é um professor digital se dá a partir de compreensões que ligam tecnologia digital à atuação docente, portanto, ser um educador digital requer dominar os recursos tecnológicos de modo a utilizá-los a favor da aprendizagem de seus alunos.

Sendo assim, repensar a alfabetização nesse tempo é fundamental para que ocorra uma retomada de decisões que favoreça à contextualização e à valorização do sujeito, por isso, Freire aponta relevantes proposições:

[...] seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-bebi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. Na verdade, tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo, um objeto, como laço agora com o que tenho entre os dedos, sentem o objeto, percebem o objeto sentido e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. [...] A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora. (FREIRE, 1979, p. 13)

Com a perspectiva de Paulo Freire podemos entender que o ato de alfabetizar precisa romper com métodos mecânicos que tornam a aprendizagem fria e sem sentido, pois um aprender pautado em meras repetições não são capazes de levar o indivíduo a pensar criticamente.

De certa forma, a educação deste ano está sendo completamente diferente para as classes de alfabetização e todas as outras, mas o que não pode negar é o quanto esse momento veio para ressignificar a educação. (COSCARELLI, 2020).

Partindo dessa ressignificação tornou-se possível alavancar práticas autônomas, direcionando a ação do ensinar para que o aluno seja o centro do processo de aprendizagem e não depósitos vazios, sem ter o devido protagonismo na construção de seu conhecimento.

Elencar os desafios educacionais desse tempo, aponta para as seguintes significações percorridas por Garcia

Discutir alfabetização é discutir o projeto político que se pretende para este país, não apenas pelas consequências sociais do analfabetismo, mas também porque o modo como se direciona a prática pedagógica traz uma determinada concepção de mundo e de homem. (GARCIA, 1998, p. 25)

É muito interessante promover reflexões sobre a alfabetizar, porque é através do pensar que finda as concepções de indivíduos que se pretende formar com a educação. As aulas presenciais estão suspensas, o ensino precisou passar por uma metamorfose para que as aulas continuassem nas casas.

Contemplar a realidade de todos os sujeitos é um desafio desesperador, pois existem muitas desigualdades sociais, infelizmente, as classes menos favorecidas acabam por receber o conteúdo de maneira engessada, o que possibilita a multiplicação da decoreba, destacando ainda a ausência de preparo dos pais para ensinar seus filhos em casa.

Qual seria o papel da alfabetização em tempos de pandemia? Como reverter um cenário de desigualdades em que uns têm acesso à internet, ao computador e outros nem os recursos básicos de saneamento têm?

Um fato é que a educação precisa continuar e continuar de forma brilhante, mesmo com milhares de dificuldades. Freire contribui para tornar as indagações mais sólidas e pertinentes

Daí a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica o reconhecimento crítico, a “razão” dessa situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais. (FREIRE, 1997, p. 46)

Ser professor não é ter receitas prontas ou varinhas de condão para a solução de todos os problemas, mas atuar com ações transformadoras, com certeza é um princípio nobre. Por isso, ao se pensar em práticas alfabetizadoras à distância é preciso que se entenda o contexto em que o educandos estão inseridos e antes de tudo, promover atividades que contemplem a realidade desses sujeitos.

Em consonância com as preposições descritas até aqui, destaca-se a urgente necessidade do diálogo entre escola e família, essa relação não pode mais ser distante. Nesse tempo, torna-se imprescindível a participação efetiva de todos.

Por isso, o Conselho Nacional de Educação (CNE) diante da pandemia da COVID-19, aponta diretrizes para que os estados e municípios busquem estratégias para o enfrentamento da paralisação das aulas, com isso, as recomendações para os anos iniciais do ensino fundamental

Sugere-se que as redes de ensino e escolas orientem as famílias com roteiros práticos e estruturados para acompanharem a resolução de atividades pelas crianças. No entanto, as soluções propostas pelas redes não devem pressupor que os “mediadores familiares” substituam a atividade do professor. As atividades não presenciais propostas devem delimitar o papel dos adultos que convivem com os alunos em casa e orientá-los a organizar uma rotina diária. (CNE, 2020)

Pode-se dizer que surge mais uma atribuição ao professor? Será esse o papel do professor digital: ensinar pais e filhos? O que precisa ser

latente é que o professor não faz a educação sozinho, independente de novas posturas, exigências, atribuições.

Para tanto, torna-se até redundante, mas é urgente e necessário que todos comecem a repensar o ato educativo. E quem sabe um dos propósitos mais pertinentes da pandemia seja esse: reestruturar um ensino tradicional falido.

Ações pedagógicas, embasadas no acesso remoto, exige reflexões cotidianas, porque as atividades não presenciais representam uma solução de emergência, porém, elas apresentam limitações, principalmente, quando se trata dos recursos tecnológicos e também metodológicos e didático-pedagógicos, pois, por mais esforços que sejam empregados nesse processo de ensino e aprendizagem remota, a educação a distância, principalmente no que tange a educação básica, não se constituem como substitutos para os espaços de troca, construção e interação das salas de aula convencionais.

4. *Percepções de Professores Alfabetizadores sobre o Ensino Remoto*

Com objetivo de compreender os atuais desafios encontrados pelos professores alfabetizadores e, a partir dessa análise promover um debate e reflexão sobre a formação desse professor para o enfrentamento, de forma autônoma para diversas situações que envolvam o processo de ensino e aprendizagem, a pesquisa foi realizada com 7 professoras alfabetizadoras que atuam no município de Campos dos Goytacazes.

Por meio de entrevistas aplicadas através do *google forms*, buscamos dar voz a essas profissionais que conduzem o processo pedagógico formativo, elucidando os principais desafios encontrados diante implementação emergencial do ensino remoto na educação básica.

Antes de tecer as perspectivas das educadoras, foi traçado o perfil dessas profissionais com base em idade, formação acadêmica e tempo de atuação em classes alfabetizadoras, o Quadro 1 demonstra esses dados.

Quadro 1: Perfil Docente

Professora	Idade	Formação	Tempo de atuação
A	24 anos	Superior Completo	10 anos
B	23 anos	Cursando Pedagogia	2 anos

C	54 anos	Psicopedagoga	2 anos
D	23 anos	Superior Completo	20 anos
E	56 anos	Nível Médio	3 anos
F	33 anos	Graduada em Pedagogia	3 anos
G	41 anos	Licenciatura em História	36 anos

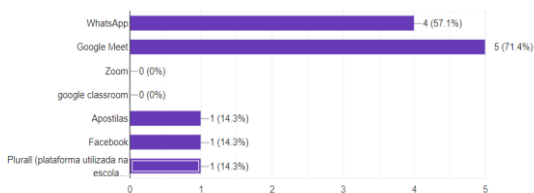
Fonte: dados da pesquisa

De acordo com o questionário respondido 70% dos professores atuam em escolas privadas do município R e as demais em escolas públicas.

No que diz respeito às práticas de ensino à distância, pontuaremos as principais ferramentas digitais utilizadas para a promoção das atividades, são elas: *WhatsApp*, *Google Meet*, *Facebook*, entre outras plataformas adotadas pelas escolas.

Abaixo, o Gráfico 1 apresentará a síntese dos resultados.

Gráfico 1: Ferramentas Digitais.



Fonte: dados da pesquisa.

Sendo assim, para extrair as percepções das professoras sobre o processo de alfabetização durante o ensino remoto, foram elaboradas perguntas que subsidiaram o questionário, foram seis perguntas, demonstradas no Quadro 2.

Quadro 2: Perguntas.

1. Diante dos inúmeros desafios gerados pela suspensão das aulas presenciais, como você conceituaria a alfabetização hoje?
2. Conte-me de forma breve um pouco da sua experiência diante do ensino remoto?
3. De que forma tem desenvolvido as aulas: ao vivo ou gravadas?
4. Recebeu subsídio da coordenação escolar para atuar no ensino remoto?
5. Considerando as classes de alfabetização, quais habilidades e competências

são importantes e devem ser desenvolvidas no atual cenário educacional?
6. Qual o papel da família nas atividades de aprendizagem do ensino remoto?

Fonte: dados da pesquisa.

Ao que se refere o conceito de alfabetização diante as aulas remotas, as profissionais caracterizaram essa etapa como desafiadora, exigente, requerendo de modo intenso o uso dos recursos tecnológicos e como um processo mais dinâmico. Para tanto, um novo olhar para o ensino das letras no 1º ano tem se configurado, ora por conta da suspensão das aulas presenciais, ora por conta da gigante imersão de informação presente na atualidade.

Dentre as concepções sobre a caracterização de alfabetizar à distância, destaca-se a visão da professora G, que diz “Ainda é um grande desafio, pois a alfabetização é de suma importância e estar fora da sala de aula e do contato com os alunos dificulta muito o processo. Hoje, a alfabetização se encontra em um cenário preocupante, mas não impossível de se realizar.”

Ao analisar os conceitos de alfabetizar com base nas aulas remotas, requer ousadia para repensar o ensino, por isso, Gadotti (2000) salienta que "Para mudar a prática, é preciso reconceituá-la, ou seja, buscar novos conceitos que possam explicitá-la de outra forma". Esse trecho aponta a intrínseca necessidade de refazer a prática, aderindo a cultura digital e buscando estratégias que tornem o aprendizado mais efetivo.

Em sequência relata-se as experiências do professor, ou mais especificamente, de sete professoras, que antes tinham papel, caneta, lápis, quadros, pilotos, que seu espaço de atuação era uma sala com diversas carteiras ou até mesmo atuavam no pátio... De repente, as ferramentas são outras, o espaço não permite mais o abraçar, o correr e agora o mundo digital invadiu outras salas, quartos, cozinhas, surgem então, professores digitais! Inesperadamente, as casas tornam-se o local das aulas, aulas ao vivo, gravadas, material impresso, material digital, slides e mais slides...

Toda significação da palavra desafio encaixa-se de forma muito real nas experiências relatadas por cada educadora, destacando que manejar as câmeras, o computador, fazer “postagens” e dominar ‘infinitas’ ferramentas tecnológicas foi bem difícil, e principalmente por não esperar essa metamorfose no modo de ensinar.

De acordo com a professora F “Alfabetizar de forma remota é bastante desafiador, pois ensinar à distância, sem acompanhamento direto é acreditar que tudo pode acontecer no tempo certo, sem ter a certeza.”

Tornou-se um cenário de incertezas, as professoras se sentem mergulhadas em um universo literalmente distante dos seus educandos, tornando o processo até mesmo dolorido e solitário. Dolorido, porque apontaram dificuldades para manejar o computador, ausência da parceria dos pais e solitário, pois não tiveram apoio pedagógico devido da coordenação, secretarias de educação.

Dentre as percepções, as profissionais discorrem que sucesso da aprendizagem está intimamente ligado à conexão escola-família e que os alunos que mais têm obtido sucesso no processo de alfabetização são aqueles que têm pais presentes/participativos.

Sendo assim, conclui que esse processo à distância necessita de muito diálogo e participação ativa dos responsáveis, destaca-se que a relação família e escola são essenciais em qualquer tempo, época, à distância ou presencialmente.

Quanto as habilidades e competências necessárias para essa etapa (alfabetização) foram elencadas: saber escrever palavras simples, pequenos textos, ser capaz de interpretar informações, identificar sons, fazer leitura, escrever corretamente e desenvolver competências socioemocionais.

Para tanto, cabe destacar a fala de Freire (1989) sobre alfabetização:

Só assim a alfabetização cobra sentido. É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências. Reflexão sobre sua própria alfabetização, que deixa assim de ser algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si em relação com o mundo, como uma criação. Só assim nos parece válido o processo o trabalho de alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo. Só assim a alfabetização tem sentido. (FREIRE, 1989, p. 142)

Por meio do trecho acima nota-se o quanto é importante perceber a essência do alfabetizar, que vai muito além da codificação e decodificação de letras. A reconstrução da prática pedagógica ocorre através da formação continuada, da pesquisa e do incessante desejo de atuar de modo inovador.

Não há dúvida do quanto é desafiador mediar o conhecimento à distância, essa característica esteve latente nos relatos, no entanto, cabe ressaltar a importância de se ter uma formação continuada, participação efetiva dos pais, assim como compreender que as tecnologias digitais podem agregar muito ao ensino e nesse tempo é por meio dela que as coisas estão de alguma forma acontecendo.

5. Algumas considerações

Ao analisar as perspectivas das professoras acerca do ensino remoto, percebe-se que ainda faz-se necessário o rompimento de uma educação bancária, em que esta, inviabiliza um processo de aprendizagem mais significativo. Porque a alfabetização é muito mais do que ‘juntar letras’.

Cabendo destacar que o romper com o ensino tradicional, aquele que não permite o protagonismo do educando é papel da escola e de políticas públicas efetivas. Para tanto, com base nas pesquisas das professoras que participaram do questionário viveram/vivem esse momento caótico solitariamente, em que foram negligenciadas a elas apoio. Educação, não se faz assim, como também não se pode colocar o peso da educação ‘nas costas’ dos educadores, porque é pesado demais.

Reafirma-se a importância de um novo olhar para a alfabetização, buscando uma educação que relacione tecnologias e ludicidade, indo além, para que sejam incorporadas práticas autônomas de leitura e escrita.

Dessa forma, uma das considerações, ora mais relevantes, é a formação continuada do professor, é a pesquisa, é o desejo que todo professor deveria ter – de aprender sempre mais! Pois, sem aperfeiçoamento, sem postura crítica, a alfabetização fracassa, a educação torna-se neutra e fria.

Diante dos inúmeros desafios, que poucos não são, frisamos que nesse tempo ou em qualquer outro, o ensino deve transcender o caráter conteudista e tradicional, para assumir o que há de mais belo – uma educação que seja capaz de ensinar muito mais do letras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Curricular Comum. Brasília 2018.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Base da Educação 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acesso em: 10 de out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE aprova diretrizes para as escolas durante a pandemia. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprovadi-retrizes-para-escolas-durante-a-pandemia>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BRASIL. Organização Pan-Americana de Saúde. Organização Mundial da Saúde. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?Option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 17 de jun. 2020.

COSCARELLI, C. V. *Ensino de línguas surtos na pandemia*. In: RIBEIRO, Ana Elisa. VECCHIO, Pollyanna de Mattos (Orgs).

FREIRE, Paulo. *A educação como prática da liberdade*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

_____. *Educação e mudança*. Trad. de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Educação com prática da liberdade*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989

GARCIA, Regina Leite. Alfabetização responsabilidade de todos, *Revista Andes*, n. 15. p. 25-35, São Paulo, 1987.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 1999

SILVA, Ezequiel. *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas-SP: Papyrus, 1986.

OLIVEIRA, Zélia Maria Freire de. ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. *A criatividade faz a diferença na escola: professor e o ambiente criativos*. Itajaí, 15 jul. 2008. Disponível em: [swq11https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/954/810](https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/954/810). Acesso em: 04 out. 2020.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura Infantil na Escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

Outra fonte

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Nota técnica. ENSINO A DISTÂNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA FRENTE À PANDEMIA DA COVID 19. Brasil, 2020. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/425.pdf?1730332266=&utm_source=conteudo-nota&utm_medium=hiperlink-download Acesso em: 15 jun. 2020